

EXISTÊNCIA, TEMPO E CUIDADO: ANÁLISE LÓGICA SOBRE SUAS INTERSEÇÕES E TANGENTES

Mariana Cristina Sperandio

Pós-graduanda em Cultura, Educação e Ética do Cuidado: Escutas e políticas do comum para reimaginar o mundo pela Escola Aberta do Cuidado em parceria com a Casa Tombada, Engenheira de Automação e Controle pelo Centro Universitário da FEI, Artista Plástica.

Resumo: Este ensaio investiga a relação entre tempo, cuidado e existência, propondo que o cuidado seja compreendido não apenas como uma resposta ética à vulnerabilidade humana, mas como uma tecnologia relacional capaz de produzir a duração da existência. Partindo da compreensão do tempo como uma construção histórica e social, o texto aproxima contribuições de Carol Gilligan, Leonardo Boff e Silvia Federici para defender que a vida se sustenta por redes de interdependência continuamente produzidas pelo cuidado. Ao deslocar o cuidado do campo privado para o centro da organização da vida coletiva, o ensaio argumenta que toda forma de existência depende de práticas que tornam possível sua continuidade. Assim, propõe uma reflexão sobre o tempo não como um dado natural, mas como uma condição construída pelas relações que sustentam corpos, memórias, comunidades e futuros.

Palavras-chave: Cuidado. Tempo. Ética. Existência.

Introdução

Há uma pergunta que atravessa silenciosamente a experiência humana e que, apesar de sua aparente simplicidade, raramente é formulada: o que torna possível a duração de uma vida?

A resposta imediata parece evidente. Uma vida dura décadas. Pode ser contada em anos, meses ou dias. Desde cedo aprendemos a medir o tempo dessa maneira. Calendários organizam a história, relógios regulam o cotidiano e cronologias oferecem a impressão de que o tempo é uma sucessão contínua de instantes que avançam em uma única direção. Essa forma de compreendê-lo tornou-se tão familiar que frequentemente esquecemos tratar-se de uma construção histórica entre tantas outras possíveis.

Ao longo da história, diferentes culturas perceberam o tempo de maneiras distintas. A modernidade ocidental consolidou uma experiência linear, cumulativa e mensurável, convertendo o tempo em unidade de cálculo, produtividade e valor. A física contemporânea demonstrou que ele tampouco constitui uma dimensão absoluta, enquanto muitas cosmologias

indígenas recusam a separação rígida entre passado, presente e futuro, compreendendo a existência como continuidade e relação. Embora partam de tradições profundamente diferentes, essas perspectivas compartilham uma mesma intuição: o tempo não existe isolado daquilo que constitui o mundo.

Vivemos, porém, em uma época em que o tempo se tornou um dos recursos mais disputados da existência. Não apenas organizamos nossas vidas por meio dele; negociamos nosso próprio tempo como um dos bens mais valiosos da vida contemporânea. Dizemos que "gastamos", "economizamos" ou "investimos" tempo com a mesma naturalidade com que falamos de dinheiro. Talvez essa familiaridade tenha produzido um efeito curioso: aprendemos a medir o tempo com enorme precisão, mas raramente perguntamos o que torna o tempo vivido possível.

A experiência cotidiana, no entanto, sugere que o tempo da existência não se reduz ao tempo dos relógios. Há dias que parecem escapar entre os dedos e outros que permanecem vivos durante muitos anos. Há encontros que transformam profundamente nossa percepção da duração, enquanto determinadas formas de vida comprimem o tempo até quase anulá-lo. O tempo cronológico continua o mesmo; a experiência do tempo, não.

Talvez isso aconteça porque viver nunca foi apenas atravessar o tempo, mas participar das relações que lhe conferem espessura. Antes de ser uma sequência de instantes, o tempo humano é também uma experiência produzida por vínculos, gestos cotidianos, memórias compartilhadas e formas de sustentar a vida.

É nesse horizonte que este ensaio aproxima a ética do cuidado da reflexão sobre o tempo. Inspirado pelas contribuições de Carol Gilligan, Leonardo Boff e Silvia Federici, parte da hipótese de que o cuidado não constitui apenas uma resposta ética à vulnerabilidade humana, mas uma prática capaz de produzir as condições pelas quais a existência pode durar. Se corpo, espaço e tempo constituem um sistema de interdependências, talvez o cuidado não seja apenas uma consequência dessas relações, mas uma de suas variáveis fundamentais — não como uma categoria física, mas como uma categoria ética que participa da produção da duração.

Essa hipótese desloca o próprio sentido do cuidado. Sua função não se restringe à preservação da vida. O cuidado produz as condições para que corpos, memórias, conhecimentos, territórios e modos de existência atravessem o tempo sem deixar de se transformar. Talvez tenhamos aprendido a medir o tempo sem perceber quem o produz.

1. A invenção do tempo

O tempo costuma apresentar-se como uma evidência. Crescemos aprendendo a contar dias, meses e anos como se essa sucessão existisse independentemente de nós. Organizamos a vida por calendários, relógios e cronogramas; celebramos aniversários, estabelecemos prazos e projetamos o futuro segundo uma ordem que nos parece tão natural quanto a alternância entre o dia e a noite. Raramente nos perguntamos se essa é a única maneira possível de experimentar o tempo.

Entretanto, aquilo que chamamos de tempo nunca constituiu uma experiência única. Há o tempo dos astros, que durante séculos orientou diferentes calendários; o tempo biológico, inscrito no crescimento dos corpos, no envelhecimento, no sono e na regeneração dos tecidos; o tempo geológico, cuja escala torna quase imperceptível a duração de uma vida humana; e o tempo da memória, em que acontecimentos distantes permanecem vivos enquanto dias recentes desaparecem quase sem deixar vestígios. Existem ainda os tempos da festa, do luto, da espera, da aprendizagem e do encontro — experiências que dificilmente podem ser reduzidas à contagem dos relógios.

Essas temporalidades sugerem que o tempo não é apenas aquilo que medimos, mas também aquilo que vivemos.

A modernidade ocidental, contudo, consolidou uma forma específica de organizá-lo. A difusão dos relógios mecânicos, a padronização dos calendários civis e a industrialização converteram o tempo em uma unidade homogênea, mensurável e intercambiável. A mesma hora passou a regular o trabalho, o descanso, a circulação de mercadorias e a organização das cidades. Como observa Norbert Elias, essa forma de medir o tempo não decorre de uma ordem natural, mas de um longo processo histórico de coordenação das relações sociais.

Essa transformação produziu mais do que um sistema eficiente de medição. Produziu uma maneira particular de habitar o mundo. O tempo passou a ser percebido como um recurso que pode ser gasto, economizado, perdido ou investido. Não por acaso, a expressão "tempo é dinheiro" tornou-se uma das metáforas mais emblemáticas da modernidade. A duração deixou de ser apenas uma dimensão da existência para converter-se também em valor econômico.

Essa experiência, embora extremamente eficaz para organizar a produção, não esgota a complexidade do tempo. A teoria da relatividade demonstrou que tempo e espaço não constituem dimensões independentes, mas aspectos de uma mesma estrutura dinâmica. De maneira muito distinta, diversas cosmologias indígenas também recusam a ideia de um tempo

homogêneo e linear, compreendendo a existência como uma rede de relações em que ancestralidade, território, vivos e mortos permanecem em diálogo contínuo. Não se trata de aproximar perspectivas que pertencem a campos de conhecimento profundamente diferentes, mas de reconhecer que ambas colocam em questão a ideia de um tempo absoluto e exterior às relações.

Essa dúvida é suficiente para deslocar nossa própria pergunta. Se diferentes modos de vida produzem diferentes experiências do tempo, talvez ele não possa ser compreendido apenas como uma medida exterior à existência. Talvez o tempo seja também uma qualidade das relações que tornam a vida possível.

Essa hipótese transforma o próprio horizonte do cuidado. Se existir depende de relações continuamente sustentadas, então a duração da vida talvez não seja produzida apenas pelos relógios ou pelos calendários, mas também pelos gestos que preservam essas relações ao longo do tempo. Torna-se necessário perguntar de que maneira o cuidado participa da própria produção da duração da existência.

2. A equação da existência

Grande parte do conhecimento nasce de uma pergunta simples: de que depende um fenômeno? Conhecer significa identificar as condições que tornam alguma coisa possível e compreender de que maneira essas condições se relacionam. Nenhum fenômeno existe isoladamente. Corpos dependem da gravidade, ecossistemas dependem de delicados equilíbrios entre espécies, o clima resulta da interação de inúmeros fatores e, como demonstrou a teoria da relatividade, tempo, espaço e matéria não podem ser compreendidos separadamente.

Conhecer é compreender relações.

Esse gesto atravessa todas as formas de conhecimento. A ciência o expressa por meio de teorias, modelos e equações. A filosofia o transforma em definições. A ética o reconhece nas relações que sustentam a vida comum. A arte lhe confere forma sensível. Cada campo desenvolve sua própria linguagem, mas todos compartilham um mesmo impulso: tornar visíveis estruturas de interdependência que, à primeira vista, permanecem ocultas.

As equações constituem uma dessas linguagens. Mais do que instrumentos de cálculo, elas permitem visualizar relações que dificilmente poderiam ser percebidas isoladamente. É justamente como imagem conceitual que uma equação interessa aqui.

Existência = Corpo · Espaço · Tempo · Cuidado

Esta não é uma fórmula matemática. É uma hipótese sobre a arquitetura da existência. Seu objetivo não é produzir resultados numéricos, mas oferecer uma imagem capaz de tornar visível uma estrutura de interdependências. A escolha da multiplicação não é casual. Em uma multiplicação, nenhum fator é acessório: o resultado depende da presença de todos eles. A imagem matemática ajuda a compreender que corpo, espaço, tempo e cuidado não podem ser pensados separadamente. Cada dimensão modifica continuamente a maneira como as demais se manifestam.

O corpo nunca existe abstratamente. Ele ocupa um espaço, atravessa o tempo e depende continuamente de relações que sustentam sua existência. O espaço, por sua vez, não é um recipiente vazio, mas um campo de encontros, conflitos, memórias e possibilidades. O tempo deixa de ser apenas a sucessão dos instantes para tornar-se a condição na qual toda transformação acontece. O cuidado então modifica a qualidade das relações entre todas elas. Um corpo cuidado experimenta o tempo de outra maneira. Um espaço cuidado transforma as formas de convivência que nele se tornam possíveis. Um tempo atravessado pelo cuidado deixa de ser apenas cronologia e torna-se duração compartilhada. O cuidado não se soma à existência; ele transforma a maneira como corpo, espaço e tempo se articulam para produzi-la.

Essa hipótese encontra ressonância na ética do cuidado formulada por Carol Gilligan e ampliada por Leonardo Boff. Ambos recusam a imagem do indivíduo como uma unidade autônoma e autossuficiente. A existência humana é constitutivamente relacional. Não dependemos uns dos outros apenas em momentos excepcionais de vulnerabilidade. A interdependência é a própria forma pela qual a vida acontece.

A equação torna visível essa condição. A existência não pode ser compreendida como uma propriedade individual, mas como um acontecimento produzido pelas relações que continuamente tornam sua duração possível. Se corpo, espaço e tempo descrevem as condições materiais da existência, é o cuidado que lhes confere continuidade. Ele deixa de ocupar um lugar periférico na experiência humana para integrar a própria arquitetura da permanência.

3. O cuidado repetitivo produz duração

Uma das frases mais repetidas da vida contemporânea é também uma das menos interrogadas: não tenho tempo. Ela atravessa conversas, organiza agendas e justifica ausências. Não há tempo para descansar, encontrar amigos, acompanhar quem adoece, brincar com as crianças ou simplesmente permanecer em silêncio. A escassez de tempo tornou-se uma das experiências mais características do presente.

Mas essa afirmação esconde um paradoxo. O tempo cronológico permanece exatamente o mesmo. Cada dia continua tendo vinte e quatro horas. O que parece diminuir não é a quantidade de tempo, mas a possibilidade de habitá-lo.

O problema talvez não esteja na falta de tempo, mas sim na perda das relações que lhe conferem duração. Essa hipótese altera profundamente a maneira como o cuidado costuma ser compreendido. Em geral, cuidar é visto como uma atividade que ocupa tempo: acompanhar uma criança, preparar uma refeição, escutar alguém, cultivar um jardim ou preservar um território. Nessa perspectiva, o cuidado aparece como aquilo que interrompe a produtividade e consome horas de trabalho.

Entretanto, a relação talvez seja inversa. O cuidado não apenas ocupa o tempo, mas produz duração. Não a duração dos relógios, mas a da existência: aquela em que uma criança aprende a falar porque alguém lhe dirigiu a palavra; em que um conhecimento atravessa gerações porque alguém decidiu transmiti-lo; em que uma amizade permanece porque foi continuamente cultivada.

É justamente essa perspectiva que aproxima Carol Gilligan e Leonardo Boff. Ao reconhecerem que a vida humana se constitui nas relações de interdependência, ambos mostram que o cuidado não é um gesto excepcional reservado aos momentos de crise. Ele compõe a matéria ordinária da vida comum.

Essa dimensão costuma permanecer invisível justamente porque opera pela repetição. Preparar alimentos. Escutar novamente a mesma história. Regar uma planta. Ensinar uma palavra. Gestos que, observados isoladamente, parecem pequenos demais para alterar o mundo.

O cuidado raramente transforma a realidade por meio de acontecimentos espetaculares. Sua força reside na persistência. Interromper o cuidado significa interromper processos que levam anos, décadas ou gerações para se constituir. Uma língua desaparece quando deixa de ser transmitida. Um saber se perde quando deixa de ser compartilhado. A ruptura raramente

acontece de uma só vez; ela se instala silenciosamente quando as relações deixam de ser sustentadas.

Por isso, cuidar é sempre um compromisso com um tempo que ainda não existe. Educar uma criança, restaurar um rio, preservar uma memória ou plantar uma árvore são gestos orientados para um futuro que permanece aberto. O cuidado não determina esse futuro. Apenas produz as condições para que ele possa acontecer. Cuidar, assim, significa participar da construção de uma duração compartilhada, na qual outras formas de existência possam continuar emergindo.

Se o tempo cronológico mede a passagem dos acontecimentos, o cuidado mede a capacidade de uma vida continuar produzindo vida.

4. Federici e a economia da permanência

Se o cuidado transforma tempo em duração, quem produz as condições para que essa duração exista?

Estamos habituados a pensar o tempo como um recurso distribuído igualmente entre todas as pessoas. Afinal, cada dia continua tendo vinte e quatro horas. Entretanto, basta observar a organização da vida cotidiana para perceber que essa igualdade é apenas aparente. Nem todos dispõem do mesmo tempo porque nem todos participam das mesmas relações de cuidado. O tempo pode ser cronologicamente igual e, ainda assim, profundamente desigual na experiência da vida.

É justamente nesse ponto que a reflexão de Silvia Federici se torna decisiva. Ao investigar a formação do capitalismo moderno, Federici demonstra que o chamado trabalho reprodutivo — preparar alimentos, limpar, cuidar de crianças, acompanhar pessoas doentes, sustentar vínculos e organizar a vida cotidiana — nunca ocupou uma posição secundária na economia. Ao contrário, ele constitui a condição silenciosa sobre a qual toda produção se apoia. Antes que qualquer riqueza possa ser produzida, alguém precisou produzir as condições para que existissem corpos capazes de produzi-la.

A partir daí, o cuidado deixa de aparecer como uma atividade periférica ou invisível para revelar-se como a infraestrutura da própria existência. A economia costuma medir a produção de bens, serviços e mercadorias; o cuidado produz algo ainda mais elementar: a

possibilidade de que existam pessoas, relações e comunidades capazes de produzir qualquer outra forma de riqueza.

Essa produção, contudo, dificilmente pode ser contabilizada. Enquanto mercadorias podem ser medidas em unidades, salários ou índices de crescimento, o resultado do cuidado escapa às formas tradicionais de cálculo. Seu produto não é um objeto. Seu produto é a continuidade da vida.

Se o cuidado transforma tempo em duração, ele produz também uma forma particular de riqueza: a permanência. Não uma permanência imóvel, que resiste às mudanças, mas a capacidade coletiva de fazer a vida persistir através delas. Permanecer não significa conservar tudo como está. Significa criar condições para que pessoas, conhecimentos, vínculos e territórios atravessem o tempo sem deixar de se transformar.

Essa perspectiva também modifica a maneira como compreendemos a escassez contemporânea do tempo. Quando afirmamos que não temos tempo, frequentemente descrevemos o efeito de uma organização econômica que privilegia a produção de mercadorias enquanto desloca, precariza ou invisibiliza o trabalho responsável por sustentar a própria vida. O tempo parece faltar justamente porque as relações que tornam a existência habitável são continuamente comprimidas.

Federici demonstra que essa distribuição nunca foi neutra. Historicamente, esse trabalho foi atribuído de maneira desproporcional às mulheres, muitas vezes sem remuneração, reconhecimento ou proteção social. Essa desigualdade permanece central, mas a questão ultrapassa a divisão sexual do trabalho. O problema fundamental reside na forma como uma sociedade organiza aquilo de que depende sua própria continuidade.

A economia costuma perguntar como produzir riqueza. A ética do cuidado faz uma pergunta anterior: como produzir continuidade? A contribuição de Federici consiste em mostrar que essas duas perguntas jamais estiveram separadas. O cuidado revela simultaneamente sua dimensão ética, econômica e política. Decidir quem terá tempo para cuidar, quem poderá ser cuidado e quais formas de vida serão sustentadas é decidir como uma sociedade distribui suas possibilidades de permanência.

Em última instância, toda política é também uma política do tempo. E toda economia é, antes de tudo, uma economia da permanência.

5. O cuidado como tecnologia da permanência

Se toda economia repousa sobre o trabalho do cuidado, torna-se necessário compreender a natureza dessa produção. Em seu sentido mais amplo, uma tecnologia não se define pelos objetos que fabrica, mas pela capacidade de produzir determinados efeitos sobre o mundo. Ela organiza conhecimentos, técnicas e práticas para transformar uma realidade. Antes de existir como artefato, toda tecnologia existe como um modo de fazer.

Cultivar a terra, construir uma embarcação, elaborar uma língua, organizar um sistema jurídico ou transmitir um conhecimento entre gerações constituem tecnologias porque tornam possíveis formas específicas de permanência. Em todos esses casos, o que está em jogo não é apenas a produção de um objeto, mas a criação das condições que permitem sua continuidade ao longo do tempo.

O cuidado pertence a essa mesma tradição. Desde os primeiros agrupamentos humanos, sustentar a vida exigiu práticas de alimentação, proteção, aprendizagem, escuta e transmissão. Muito antes da invenção das máquinas, já existia uma sofisticada tecnologia de relações capaz de garantir que crianças sobrevivessem, conhecimentos fossem compartilhados, vínculos permanecessem vivos e comunidades atravessassem gerações.

O cuidado é a tecnologia fundadora da experiência humana.

Não por uma questão cronológica, mas porque toda tecnologia depende dele. Nenhuma ferramenta é inventada sem aprendizagem. Nenhum conhecimento atravessa o tempo sem transmissão. Nenhuma cultura permanece sem relações capazes de formar novos sujeitos. Mesmo as tecnologias mais sofisticadas repousam sobre uma infraestrutura silenciosa de cuidado.

Essa perspectiva transforma também a maneira como compreendemos a inovação. A história da técnica foi amplamente orientada pelo desejo de ampliar a capacidade de produzir, acelerar processos e reduzir esforços. O cuidado responde a outra questão. Seu problema nunca foi produzir mais, mas gerar continuidade.

O cuidado organiza relações suficientemente estáveis para que a vida permaneça aberta ao futuro. Sua eficácia não se mede pela velocidade dos resultados, mas pela duração dos processos que consegue sustentar. Uma criança não cresce porque recebeu um único gesto de cuidado, mas porque incontáveis gestos foram continuamente renovados. Um conhecimento não atravessa séculos porque foi registrado uma vez, mas porque sucessivas gerações decidiram

preservá-lo. Uma comunidade não permanece porque resiste ao tempo, mas porque produz, todos os dias, as condições de sua continuidade.

Permanecer não significa impedir a transformação. Ao contrário, tudo o que permanece transforma-se continuamente. Permanecer significa conservar a capacidade de continuar existindo enquanto se muda. O cuidado torna essa continuidade possível porque acompanha as transformações sem romper as relações que sustentam a vida.

Talvez por isso sua presença seja tão difícil de perceber. As tecnologias costumam ser lembradas pelos objetos que produzem. O cuidado manifesta-se sobretudo nas condições que torna possíveis. Sua obra não se acumula em máquinas, edifícios ou mercadorias. Ela permanece inscrita em corpos que sobrevivem, conhecimentos que continuam sendo transmitidos, comunidades que persistem e futuros que permanecem habitáveis.

Conclusão

Permanecer nunca significou durar para sempre. Tudo o que existe transforma-se. Corpos envelhecem, paisagens se modificam, cidades desaparecem, línguas se reinventam e culturas atravessam mudanças contínuas. A vida depende dessa capacidade de transformação. Permanecer nunca foi o contrário da mudança. Permanecer é conservar relações capazes de atravessá-la sem interromper a existência.

O cuidado participa dessa continuidade. Ele organiza as relações pelas quais uma vida encontra condições para persistir. Sua ação não se opõe ao tempo; realiza-se nele. Cada gesto de cuidado prolonga uma existência, porque cria as condições para que ela continue acontecendo.

Da mesma forma, o tempo não é apenas aquilo que passa. É aquilo que pode ser produzido pelas relações que sustentam a vida.

Vivemos em uma sociedade que converteu o tempo em um recurso escasso, administrado segundo a lógica da produtividade e da aceleração. Os dias ainda têm a mesma quantidade de horas, mas a experiência da duração tornou-se cada vez mais rara. O que falta não são horas. Faltam relações capazes de tornar o tempo habitável.

É por isso que o cuidado ultrapassa o campo da vida privada e das virtudes individuais. Ele participa da própria arquitetura do mundo. Cada gesto de cuidado modifica, ainda que discretamente, as condições pelas quais uma memória poderá ser transmitida, um território

continuará vivo, um conhecimento atravessará gerações e uma comunidade encontrará meios de permanecer.

Essa talvez seja uma das tarefas éticas mais urgentes do presente: produzir as condições para que diferentes formas de vida continuem encontrando futuro. Trata-se de uma responsabilidade compartilhada, presente na educação, na saúde, na política, na economia, na ciência, na arte e em todas as práticas que reconhecem a interdependência como fundamento da existência.

Se existir é sempre existir com outros, permanecer também é uma construção coletiva. A permanência não pertence às coisas, mas às relações que continuamente renovam suas condições de existência. No fim, uma vida nunca custou apenas tempo. Custou todas as relações de cuidado que tornaram esse tempo possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOFF, Leonardo. Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

ELIAS, Norbert. Sobre o tempo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. O ponto zero da revolução. São Paulo: Elefante, 2019.

FRASER, Nancy. Capitalismo canibal. São Paulo: Autonomia Literária, 2024.

GILLIGAN, Carol. Uma voz diferente. Petrópolis: Vozes, 2021.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSA, Hartmut. Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

TRONTO, Joan C. Caring Democracy: Markets, Equality, and Justice. New York: New York University Press, 2013.